

ABORDAGENS DE PROFESSORES NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MARANHÃO, O USO DAS TECNOLOGIAS

Antonio Cilrírio da Silva Neto (UEMA)

antonioneto5@professor.uema.br

Rafael Serra de Souza (UEMA)

rafaelserraparelo@outlook.com.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar como os professores abordam o ensino de língua inglesa em uma sala de aula do 6º ano do ensino fundamental de uma escola pública do Maranhão. Diante disso, nos fundamentamos nos documentos oficiais (BNCC, 2017) para discorreremos sobre as propostas e os entraves no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira. Embasa-se na BNCC como documento normatizador e orientador e em teóricos como Santos (2010) e Rajagopalan (2013) para identificarmos as abordagens e desafios que o professor de inglês deva se fundamentar nesse ensino. Metodologicamente, partimos de leituras, reflexões críticas e argumentativas de bibliografias buscadas em livros e artigos científicos, dados que foram analisados qualitativamente. Para a obtenção dos dados, também, aplicamos questionários direcionados aos professores. As nossas considerações mostraram falhas no ensino de inglês por falta de recursos, por escassez de formações continuadas e capacitações em meios tecnológicos que dessem auxílio satisfatório na prática docente, enfim, a pesquisa apresentou os desafios enfrentados por professores para um ensino profícuo nessa disciplina.

Palavras-chave:

Prática docente. Ensino de inglês. Uso de tecnologias.

ABSTRACT

This article aims to investigate how teachers approach the teaching of English in a classroom of the 6th grade of elementary school in a public school in Maranhão. Therefore, we based on official documents (BNCC, 2017) to discuss the proposals and obstacles in the process of teaching and learning a foreign language. It is based on the BNCC as a standardizing and guiding document and on theorists such as Santos (2010) and Rajagopalan (2013) to identify the approaches and challenges that the English teacher should base on this teaching. Methodologically, we started from readings, critical and argumentative reflections of bibliographies searched in books and scientific articles, data that were qualitatively analyzed. To obtain the data, we also applied questionnaires aimed at teachers. Our considerations showed failures in English teaching due to lack of resources, lack of continuing education and training in technological means that would give satisfactory assistance in teaching practice, finally, the research presented the challenges faced by teachers for a fruitful teaching in this discipline.

Keywords:
English teaching. Teaching practice. Use of technologies.

1. Introdução

Aprender uma segunda língua atualmente é imprescindível, sobretudo o inglês que é tida como uma das línguas mais faladas. Diante disso, neste estudo sobre o ensino da língua inglesa como disciplina em escolas públicas, investigamos como os professores abordam esse ensino no ensino fundamental de uma escola pública do Maranhão, em seguida apresentamos abordagens e estratégias utilizadas para esse ensino.

Com esse entendimento, temos como objetivos específicos verificar o percurso que a língua inglesa faz na escola de ensino básico, para com isso apresentarmos os principais desafios que refletem na qualidade desse ensino; propor ações e estratégias de acordo com os teóricos que nos deram suportes e por fim, refletir na fala dos professores sobre a necessidade de capacitações em tecnologias para dinamizar o ensino de língua inglesa.

Para isto, nos fundamentamos nos estudos linguísticos de Rajagopalan (2013) e Santos (2010) quando nos dizem que o ensino de língua inglesa está presente em todos os campos do conhecimento e é uma das principais ligações entre povos, que precisamos dominá-la como língua estrangeira, mas que essa não nos domine no que tocante à nossa cultura.

Corroboramos com esses linguistas quando nos dizem que o professor está imbuído de sua cultura assim como os alunos que entram em contato com outra cultura e que isso contribui para o conhecimento de aspectos culturais diferentes daqueles presentes em nossa comunidade.

Portanto, diante da importância que há em se conhecer o inglês e da obrigatoriedade do seu ensino, visualizamos que a realidade escolar é muito diferente do que rege as orientações oficiais, pois observamos que os órgãos responsáveis pela oferta desse ensino não proporcionam aos docentes apoio pedagógico, recursos tecnológicos e formação continuada no uso de tecnologias.

2. O ensino de língua na base nacional comum curricular e o posicionamento de alguns linguistas

Conforme a Base Nacional Comum Curricular o ensino da língua inglesa possibilita termos acesso aos saberes linguísticos necessários para nossa formação, pois ensinar inglês implica no caráter formativo e nos faz pensarmos sobre o inglês que ensinamos na escola.

Além das funções social e política, o inglês deve ser tratado como língua franca, isso porque “a língua inglesa não é mais aquela do “estrangeiro”, oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa” (BNCC, 2017, p. 241). Porque, essa língua já possui diferentes repertórios linguísticos e culturais, e porque a visão de que existe um único inglês a ser ensinado, ou no máximo dois, o britânico ou dos Estados Unidos não pode existir mais.

Dessa maneira, a educação linguística voltada para o reconhecimento e respeito às diferenças e compreensão nos levou a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo e a nós mesmo.

Concebemos a língua como construção social que cria formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores. Nesse sentido:

[...] ao assumir seu status de língua franca – uma língua que se materializa em usos híbridos, marcada pela fluidez e que se abre para a invenção de novas formas de dizer, impulsionada por falantes pluri/multilíngues e suas características multiculturais –, a língua inglesa torna-se um bem simbólico para falantes do mundo todo. (BNCC, 2017, p. 242)

Contudo, quando situamos o inglês como língua franca implica compreendermos que não há um inglês melhor para se ensinar, ou um nível de proficiência específico a ser alcançado por um aluno, o que demanda para os professores atitudes de acolhimento, legitimação e diferentes formas de se expressar na língua. Enfim, no ensino do inglês como língua franca implica rompermos com a ideia do certo, errado e proficiência (BNCC, 2017).

Coadunamente, no eixo da oralidade as práticas de linguagem devem focar:

[...] na compreensão (ou escuta) e na produção oral (ou fala), articuladas pela negociação na construção de significados partilhados pelos interlocutores e/ou participantes envolvidos, com ou sem contato face a face. Assim, as práticas de linguagem oral presenciais, com contato face a face – tais como debates, entrevistas, conversas/diálogos, entre outras – consti-

tuem gêneros orais nas quais as características dos textos, dos falantes envolvidos e seus “modos particulares de falar a língua”, que, por vezes, marcam suas identidades, devem ser considerados. (BNCC, 2017, p. 243)

Dessa forma, aspectos como pronúncia, entonação e ritmo devem estar imbuídos de uma compreensão geral, específica e de negociação como relevantes na configuração e na exploração dessas práticas.

Portanto, na aquisição de uma segunda língua por estudantes em escolas públicas e dos mais diferentes locais como espaço para a socialização de conhecimentos corroboramos com Santos (2010) quando nos diz que o ensino de língua inglesa colabora com o desenvolvimento dos alunos, tornando-os cidadãos críticos e atuantes nos espaços em que estão inseridos. De acordo com Santos (2010),

[...] ao estudar uma língua estrangeira, o estudante entra em contato com outra cultura, o que contribui para que ele conheça aspectos culturais diferentes daqueles presentes na sua comunidade. Isso pode levar o estudante a um processo de reflexão acerca do outro e de si próprio. Afinal, o mundo social do estudante brasileiro é influenciado por aspectos econômicos, políticos e culturais das sociedades de outros países (SANTOS, 2010, p. 27).

Coadunamente, a aprendizagem da língua inglesa contribui para que o processo educacional como um todo, pois auxilia na construção do respeito às diferenças entre povos e grupos sociais com suas diversas maneiras de perceberem o mundo. Além disso, saber inglês nos permite participar de forma mais ativa no mundo globalizado como língua internacional que facilita a comunicação universal. Para Totis (1991), o inglês

[...] permite acesso mais fácil e imediato a ciência, a literatura e a qualquer outra manifestação sociocultural. Com certeza, é a língua mais necessária no mundo dos negócios, sendo indispensável para o aproveitamento de pelo menos metade da literatura científica existente no mundo. Está intimamente associada com o desenvolvimento tecnológico e econômico e é a principal língua de intercâmbio internacional. (TOTIS, 1991, p. 16)

Sendo assim, o ensino da língua inglesa está presente em todos os campos do conhecimento e é uma das principais ligações entre povos, para Rajagopalan (2013, p. 69) “o cidadão desse novo mundo emergente é, por definição, multilíngüe”, porque isso deve ocorrer nas mais diversas partes do mundo.

Enfim, corroboramos com a ideia de Rajagopalan (2013, p. 70) quando diz que “é na linguagem e através dela que as nossas personalidades são constantemente submetidas a um processo de reformulação”, e

que dominar a língua estrangeira poderia ser parte do nosso ensino, mas que essa não nos domine, porque no processo de aquisição da língua temos direitos e deveres no que tange ao nosso ensino e aprendizagem.

3. *Cibercultura e ensino: o uso das tecnologias*

Para compreendermos a importância das mídias no ensino de língua inglesa na fala dos professores nos fundamentamos nas perspectivas de estudiosos da cibercultura. Segundo para Gomes (2016), provavelmente ou possivelmente com o uso as tecnologias digitais a autoridade do professor pode ceder lugar para o trabalho em equipe na escola, porém essa tensão ainda, pode estimular o professor a emperrar esse ensino, que deve ser cada vez mais contínuo e célere.

Diríamos que, assim como os trabalhadores de empresas, os professores na escola devam agir em função do que pensam, ou seja, “dando mais controle sobre suas atividades” (SENNET, 2000, p. 63-4).

Para esses ativistas das tecnologias da informação e da comunicação, a cultural digital é a cultura da contemporaneidade, em que as tradições novas e antigas, os signos locais e globais se coadunam e podem mudar comportamentos. A globalização e o uso das tecnologias influenciam na socialização, aquisição de valores, na percepção e ação sobre o mundo, o que inclui os modos de ensinar e de aprender. Diante disso, nos perguntamos: O meio digital é necessário para o ensino de Língua Inglesa?

Sim. Zacharias (2016), nos diz que, ser letrado hoje não é garantia de ser letrado amanhã, porque as tecnologias se renovam, o que exige do ser humano ser experiente em várias mídias, a internet hoje é promotora de hábitos de leituras ubíquas e plurais com menos hierarquias e linearidade, na rede encontramos textos de diferentes gêneros, discursos de várias ideologias, idiomas, culturas e contextos em contraposição às competências tradicionais de só falar/escutar, ler/escrever, ou seja, temos uma variedade de gêneros discursivos encontrados nos mais diferentes suportes da cibercultura. Por isso, a resposta foi sim.

Dessa forma, necessitamos de ser letrado digitalmente com competência e forma de pensar adicional ao que éramos antes. Para Zacharias (2016), ler historicamente era somente decodificar signos e desvendar os sentidos pretendidos pelo autor, e não para a construção de sentidos. Para os psicolinguísticos, ler requer um sujeito envolvido na obtenção de sig-

nificados, compreensão e interpretação do conteúdo, ler é “produto da interação entre o leitor e o texto” (ZACHARIAS, 2016, p. 19).

Para essa autora, uma variedade de discursos e produções se aproximaram das práticas das mais diferentes situações comunicativas, como oportunidade de lidar com a língua nos mais diferentes usos do cotidiano (Cf. ZACHARIAS, 2016).

Contemporaneamente, com a inserção dos gêneros digitais e de dispositivos eletrônicos no dia a dia, mudanças na produção e propagação da textualização também ocorreram. Concordamos que, se faz necessário incluir no ambiente escolar práticas pedagógicas que vejam os aspectos da multimodalidade, da hipertextualidade e da interatividade marcado pelos ambientes digitais e não somente restrito à cultura do impresso.

Sendo assim, como desafio principal no desenvolvimento do tratamento digital na escola, temos a formação dos professores. Para Zacharias, o professor precisa refletir sobre a sua prática individual e coletiva, porque está nele o agenciamento do “esforço, tempo e desejo para promover as necessárias mudanças nos processos de ensino e aprendizagem” (2016, p. 29).

Adicionalmente, com o acesso e o domínio das tecnologias como ferramenta de desenvolvimento do cidadão, podemos constatar um distanciamento entre os que conhecem e os que desconhecem a linguagem digital. Para Gomes (2016) o uso da mídia digital pode promover saltos qualitativos no desenvolvimento do pensamento humano tanto em raciocínio abstrato quanto em inferências lógicas com rapidez e eficácia do que qualquer outro ambiente de aprendizagem.

Enfim, as tecnologias têm o papel de facilitar e promover os processos ensino e aprendizagem, porque cremos e muito no ensino da língua inglesa para a construção do conhecimento e para uma nova forma de educar nesse processo educacional, ou seja, quando estimulamos o uso dos recursos midiáticos como ação de ensino e aprendizagem estimulamos a emancipação e a autonomia.

4. Estratégias gerais para a aquisição de língua inglesa na BNCC

Além dos posicionamentos apresentados acima sobre a importância das tecnologias no ensino de língua inglesa, elencamos aqui estraté-

gias e práticas sobre esse ensino na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesse documento para a aquisição da língua inglesa seria necessárias “escuta e observação atentas de outros elementos, relacionados principalmente ao contexto, aos usos da linguagem, às temáticas e a suas estruturas” (BNCC, 2017, p. 243).

No eixo da oralidade, esse documento diz que é muito importante arriscar-se e se fazer compreender e apresenta algumas estratégias que podemos utilizar, como os recursos midiáticos do cinema, *internet*, televisão entre outros, como sendo fontes significativas de aprendizagem em sala de aula.

Diante disso, podemos trabalhar com gêneros verbais, híbridos e potencializados pelos meios digitais, pois a

[...] vivência em leitura a partir de práticas situadas, envolvendo o contato com gêneros escritos e multimodais variados, de importância para a vida escolar, social e cultural dos estudantes, bem como as perspectivas de análise e problematização a partir dessas leituras, corroboram para o desenvolvimento da leitura crítica e para a construção de um percurso criativo e autônomo de aprendizagem da língua. (BNCC, 2017, p. 244)

Portanto, metodologicamente as diversas situações de leitura organizadas em pré-leitura, leitura e pós-leitura devem ser vistas como aprendizagens contextualizadas e significativas em sala de aula de língua estrangeira. Com isso, no ato da escrita, concebido como prática social, reiteramos uma escrita que condiz com a prática, pois uma escrita autoral se inicia com textos que utilizam poucos recursos verbais como mensagens, tirinhas, adivinhas entre outros) até chegarmos a textos mais elaborados como autobiografias, esquetes, notícias, relatos de opinião, chat entre outros, recursos linguístico-discursivo variados (BNCC, 2017).

Paulatinamente, no eixo dos conhecimentos linguísticos as práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua devem ocorrer de modo contextualizado, articulado e a serviço das práticas de oralidade, leitura e escrita. Devemos levar em conta como estratégias no estudo do léxico e da gramática as formas e tempos verbais, estruturas frasais e conectores discursivos em que os alunos, de modo indutivo, descobrem o funcionamento sistêmico do inglês, da exploração de relações de semelhança e diferença entre a língua inglesa, a língua portuguesa e outras línguas.

E, ainda, no eixo da dimensão intercultural, as culturas estão em contínuo processo de interação e (re)construção “com interesses, agendas

e repertórios linguísticos e culturais diversos, vivenciam, em seus contatos e fluxos interacionais, processos de constituição de identidades abertas e plurais” (BNCC, 2017, p. 245). Segundo esse documento nenhum desses eixos se sobrepõem um ao outro, podem ocorrer de acordo com a necessidade do planejamento de ensino.

4.1. Competências específicas de língua inglesa para o ensino fundamental

A BNCC (2017) apresenta as competências específicas para o ensino de língua inglesa no ensino fundamental de 6º a 9º ano anos finais com os seguintes eixos: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades.

As unidades temáticas, em sua grande maioria, repetem-se e são ampliadas as habilidades a elas correspondentes. Para cada unidade temática, foram selecionados objetos de conhecimento e habilidades a ser enfatizados em cada ano de escolaridade (6º, 7º, 8º e 9º anos), servindo de referência para a construção dos currículos e planejamentos de ensino, que devem ser complementados e/ou redimensionados conforme as especificidades dos contextos locais. Tal opção de apresentação da BNCC permite, por exemplo, que determinadas habilidades possam ser trabalhadas em outros anos, se assim for conveniente e significativo para os estudantes, o que também atende a uma perspectiva de currículo espiralado (BNCC, 2017, p.247)¹.

Quadro 1: Habilidades desenvolvidas em língua inglesa.

1. Identificar o lugar de si e o do outro em um mundo plurilíngue e multicultural, refletindo, criticamente, sobre como a aprendizagem da língua inglesa contribui para a inserção dos sujeitos no mundo globalizado, inclusive no que concerne ao mundo do trabalho.
2. Comunicar-se na língua inglesa, por meio do uso variado de linguagens em mídias impressas ou digitais, reconhecendo-a como ferramenta de acesso ao conhecimento, de ampliação das perspectivas e de possibilidades para a compreensão dos valores e interesses de outras culturas e para o exercício do protagonismo social.
3. Identificar similaridades e diferenças entre a língua inglesa e a língua materna/outras línguas, articulando-as a aspectos sociais, culturais e identitários, em uma relação intrín-

¹ Aqui sugerimos uma consulta à BNCC (2017) para o conhecimento das unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades para o 6º ano do Ensino Fundamental.

seca entre língua, cultura e identidade.
4. Elaborar repertórios linguístico-discursivos da língua inglesa, usados em diferentes países e por grupos sociais distintos dentro de um mesmo país, de modo a reconhecer a diversidade linguística como direito e valorizar os usos heterogêneos, híbridos e multimodais emergentes nas sociedades contemporâneas.
5. Utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável.
6. Conhecer diferentes patrimônios culturais, materiais e imateriais, difundidos na língua inglesa, com vistas ao exercício da fruição e da ampliação de perspectivas no contato com diferentes manifestações artístico-culturais.

Fonte: baseado na BNCC (2017, p. 246).

De acordo com o quadro acima e de maneira geral, o ensino da língua inglesa é tido como relevante e que o sistema educacional desde o século XIX vem passando por reformas políticas que modificaram de algum modo o processo de ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem. Atualmente, a BNCC é o documento que normatiza e orienta a educação nacional, que dá legitimidade ao ensino da língua inglesa franca.

Contudo, apesar das orientações vigentes e dos avanços de novas abordagens de ensino, observamos há grandes dificuldades no ensino do inglês no ambiente escolar, porque nem todas as escolas públicas dispõem de profissionais com formação adequada, não apresentam estruturas para a melhoria desse ensino, o que o tem tornado desvalorizado e mecânico esse ensino. Para os professores ensinarem inglês ou outra disciplina, concordamos com Freire quando diz que "ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção" (FREIRE, 1996, p. 47).

5. *Proposições e desafios para o ensino de língua inglesa na fala de professores*

Nesta sessão para investigarmos as proposições e desafios para o ensino de língua inglesa na fala de professores utilizamos um questionário elaborado a partir do *Google Forms* e enviado aos investigados via *link* do *WhatsApp*. Este formulário foi utilizado por ter grande aceitação e facilidade de recolher as informações dos professores.

Primeiro, como metodologia utilizamos uma conversa pelo *WhatsApp*, através do qual apresentamos a nossa proposta de trabalho sobre abordagens de ensino de língua inglesa e o uso das tecnologias nestes tempos de ensino remoto. Em seguida, convidamos os professores para responderem um questionário, de comum acordo aceitaram respondê-lo de forma remota devido ao atual estado da pandemia da Covid-19. Conforme demonstra-se no quadro abaixo, os professores responderam sobre abordagens de ensino de língua inglesa e o uso de tecnologias a partir das impressões do seu ambiente de trabalho, perguntamos:

Quadro 2: Abordagens de ensino em língua inglesa

<p>Como você utiliza as metodologias de ensino de língua inglesa em sala de aula? Como podemos abordar esse ensino?</p>	<p>P1: Através explicações, texto, vídeo aula, pesquisa em sites de tradução de palavras, escutas de áudios, uma sequência de ouvir, falar e escrever o que aprendeu.</p> <p>P2: Através da leitura e interpretação de texto, escrita, escuta de áudios, vídeos-aula, pesquisas.</p>
<p>Quais as principais dificuldades que você encontra para ensinar inglês?</p>	<p>P1: O apoio pedagógico, tecnológico e uma estrutura totalmente devastada para o momento atual.</p> <p>P2: A falta de apoio pedagógico e tecnológico, em meio as dificuldades atuais (da Covid-19).</p>
<p>3. A instituição que você trabalha te dar suporte para desenvolver um melhor ensino?</p>	<p>P1: Não! Infelizmente o município não dispõe de qualquer suporte para acesso do professor e aluno.</p> <p>P2: Não. Infelizmente temos que usar nossos próprios recursos, nosso computador, internet celular para atender os alunos.</p>
<p>Quais recursos tecnológicos você usa durante as aulas?</p>	<p>P1: Meu computador minha internet e meu celular! Tudo particular.</p> <p>P2: Computador, celular.</p>
<p>Quais métodos você utiliza para avaliar seus estudantes?</p>	<p>P1: Leitura, escrita, pesquisa, apresentação das atividades via WhatsApp.</p> <p>P2: A participação dos alunos nas aulas, observação nas atividades e pesquisas desenvolvidas de conteúdos em casa.</p>

<p>No cenário atual em que vivemos, quais são os principais desafios encontrados para o ensino da língua inglesa?</p>	<p>P1: Nessa pandemia fomos deixados de lado, como se não fossemos serviço essencial, o que é uma inverdade.</p> <p>P2: A participação da gestão em relação ao apoiar e reconhecer a educação como serviço essencial; e nos proporcionar saídas para que os alunos e professores não ficassem sem assistência.</p>
<p>Quais são as suas perspectivas para o ensino da língua inglesa no sistema público de ensino nesses tempos de pandemia?</p>	<p>P1: Se não houver qualificação para professores, fica difícil, somos obrigados a buscar qualificação com os nossos próprios custos.</p> <p>P2: Precisamos de formação, apoio tecnológico e compromisso com a classe de professores.</p>

Fonte: Sousa e Silva Neto (2021).

Diante das respostas dadas pelos professores, observamos que o ensino de inglês do 6º ano do ensino fundamental da escola investigada passa por um processo desgastante, os professores evidenciaram que com a pandemia se agravaram os desafios enfrentados diariamente pelos professores, principalmente pela falta de materiais tecnológicos e de formação como diz um professor “nessa pandemia fomos deixados de lado, como se não fossemos serviço essencial, que é uma inverdade”.

Entretanto, percebemos que o usadas tecnologias: celulares e computadores para acessarem o *WhatsApp*, *Google Meet* foram importantes para mediação e execução do cronograma de aulas, segundo os investigados no contexto da pandemia, por exemplo, não deixaram de se preocuparem com a aprendizagem dos alunos, por exemplo:

P1: Através de explicações, textos, vídeo aula, pesquisa em sites de tradução de palavras, escutas de áudios, uma sequência de ouvir, falar e escrever o que aprendeu.

P2: Através da leitura e interpretação de texto, escrita, escuta de áudios, vídeos-aula, pesquisas.

Mesmo assim, percebemos como a língua inglesa ainda é tida como disciplina secundária, e que é tida como desnecessária. Como segunda língua, de acordo com os anseios e desejos dos investigados e das investigadas, o ensino de inglês como idioma de alcance mundial, argumentam que:

P1: Nessa pandemia fomos deixados de lado, como se não fossemos serviço essencial, o que é uma inverdade.

P2: A participação da gestão em relação ao apoiar e reconhecer a educação como serviço essencial; e nos proporcionar saídas para que os alunos e professores não ficassem sem assistência.

Por outro lado, consoante Siqueira, observamos que

[...] o inglês é a língua nativa de mais de meio bilhão de pessoas oriundas tanto do centro quanto da periferia do globo. É a língua mais falada do mundo por não nativos e, provavelmente, o único idioma que possui mais falantes não nativos que nativos. São três falantes não nativos para cada falante nativo. (SIQUEIRA, 2005, p. 14)

Contudo, em relação às metodologias, dificuldades, suportes de ensino e aprendizagem, recursos tecnológicos, métodos avaliativos, os desafios do ensino na pandemia e as perspectivas para o ensino no sistema público segundo os professores e professoras que já carecem de cuidados e de um olhar voltado para o 6º ano em que fazemos a introdução da disciplina língua inglesa, temos a falta de qualificação e apoio tecnológico. Para os investigados:

P1: Se não houver qualificação para professores, fica difícil, somos obrigados a buscar qualificação com os nossos próprios custos.

P2: Precisamos de formação, apoio tecnológico e compromisso com a classe de professores.

As proposições e desafios que o ensino de língua inglesa que investigamos, na fala dos professores, reflete os desafios nas práticas e saberes de docentes atualmente. Os professores relataram que suas principais dificuldades de lecionar o idioma neste atual momento estão diretamente relacionados às falhas nas políticas educacionais que, infelizmente, não lhes oferecem suporte necessário. Os profissionais descreveram que as condições do ensino são de baixa qualidade, pois os órgãos responsáveis não disponibilizaram uma plataforma fixa para que as aulas fossem ministradas, além a falta de capacitação em tecnologias.

Concordamos com Rajagopalan e sabemos que o professor está imbuído de sua cultura e, ainda, corroboramos com Santos (2010) quando nos diz que com a aprendizagem de língua estrangeira o estudante entra em contato com outra cultura, o que contribui para que conheça aspectos culturais diferentes daqueles presentes na sua comunidade.

6. Considerações finais

Sabemos que o ensino nestes tempos da Covid-19 vem sendo prejudicado e pareceu que o ensino de língua inglesa mais ainda. Desse

modo, na nossa coleta de dados percebemos, conforme o quadro 2 da sessão anterior, que esse ensino na modalidade remota vem passando por dificuldades. Em face dessa atual realidade epidemiológica em que o país se encontra, os professores de uma escola no município de Pindaré Mirim no Maranhão, apontaram muitos problemas que influenciam significativamente na qualidade desse ensino.

Diante disso, apresentamos orientações sobre unidades temáticas, habilidades e eixos de ensino a partir da BNCC, essas orientações são referências para a construção dos currículos e planejamentos de ensino, desde que adequando-as as especificidades dos contextos locais.

Apontamos que esses documentos normatizadores e orientadores da educação nacional é que dá legitimidade ao ensino da língua inglesa como língua franca nos estabelecimentos de ensino. Rajagopalan (2013) diz que dominar a língua estrangeira não significa que ela nos domine no que tocante a nossa autoestima e à nossa cultura.

Por fim, constatamos que as principais dificuldades encontradas por parte dos docentes são: a falta de recursos tecnológicos como computadores, internet de boa qualidade, uma plataforma de ensino adequada para as aulas e a falta de uma boa atualização em língua inglesa e no uso das tecnologias para esse nível de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *A etapa do ensino fundamental: Língua Inglesa, 6º ano*. MEC/Secretaria de Educação Básica, Brasília-DF, 2017. p. 241-51

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Língua Inglesa*. Brasília: MEC/EF, 1998.

_____. Diário Oficial da União. Órgão: Ministério da Educação/gabinete do ministro. *Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020*. Publicado em: 17/06/2020 | edição: 114 | seção: 1 | página: 62. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, S. dos S. Infância e Tecnologias. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016. p. 145-58

NASSAR, L. A ideia de que só se aprende inglês em escolas de idioma deve ser superada. *Rev. Nova Escola*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/125/a-ideia-de-que-so-se-apren-de-ingles-em-escolas-de-idioma-deve-ser-superada-diz-especialista>. Acesso em: 03 de mar.2021

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. 1. ed., 4. reimp. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTOS, Juliana Alves dos. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In: LIMA, D.C. (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas*. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Parábola, 2010.

SENNET, R. *A corrosão do caráter; consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SIQUEIRA, S. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. *Revista Inventário*. 4. ed., jul/2005. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04ssiqueira.htm>.

TOTIS, Verônica Pakrauskas. *Língua Inglesa: Leitura*. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção magistério 2º grau. Série formação geral)

ZACHARIAS, V. R. de C. Letramento Digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Tecnologias para aprender*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016. p. 15-29